

O FUTURO.

PERIODICO LITTERARIO.

I. ANNO.

1.º de Dezembro de 1862.

VI.

SUMARIO.

O SR. D. PEDRO II, por J. P. de C.	pag. 173	A ESTRELLA DO POETA, por Machado de Assis	pag. 190
ANEIS E PEIXES, por F. X. de Novaes.	pag. 178	EPIGRAMMAS VIVOS, por Reinaldo Carlos Montóro.	pag. 191
A's PORTAS DA ETERNIDADE, por Anna Augusta Placido.	pag. 182	RESPOSTA DO REGEDOR, por A. S. Cabedo	pag. 200
		CHRONICA, por M. de Assis.	pag. 202

RIO DE JANEIRO

TYP. DE BRITO & BRAGA, TRAVESSA DO QUEILOR N. 17.

O SENHOR D. PEDRO II.

IMPERADOR DO BRASIL.

(Continuado da pagina 156.)

VII.

Entremos agora no lar domestico do Senhor D. Pedro II. Ahi repousaremos, com satisfação, os olhos em nobres e graciosos vultos, todos dignos das maiores sympathias, e de cordiaes affectos.

Fallaremos de suas augustas Irmans, as virtuosas filhas do heróe dos dous mundos, que tanto mereceram ventura, e que tão visitadas foram da desgraça. Todas nasceram em nossas plagas; todas foram dar lustre, e brilho ás mais egregias casas reaes da Enropa: todas foram victimas innocentes das mais dolorosas provações.

A Senhora D. Maria II, nascida aos 4 de Abril de 1819, e, por seo nascimento, não menos que pela abdicação de seo pae, rainha de Portugal desde a mais tenra infancia, separou-se de nós, para seguir seus altos destinos. Contam-se as dôres da virtuosa rainha pelos dias de seu reinado: ondas, guerras, perigos, exilio, revoluções, desgostos de toda a especie, só attenuados pela compensação que em seo marido e filhos lhe dera a Providencia, toda essa incidentada vida findou prematuramente no dia 15 de Novembro de 1853, em que a alva pomba, que sobre seo feretro representava a candidez daquella alma, symbolisou a pureza da que cessára de pertencer ao numero dos viventes.

Aos 11 de Março de 1822 nascia a Senhora D. Januaria, amavel Princeza, em quem se pregaram muitos olhos para lhe ser devolvida a Regencia, como successora natural do throno, em tempo em que se pensou conveniente pôr termo ao governo de simplicis ci-

dadãos. Aos 28 de Abril de 1844, unia a sua sorte á do Sr. Principe D. Luiz de Bourbon, Conde d'Aquila, irmão de S. M. a Imperatriz, e Principe das Duas Sicilias; e desse consorcio provieram esperançosos fructos, que a morte tem ido ceifando, deixando apenas dous principes. Era Napoles a habitual residencia desta respeitavel familia; é sobrinho da princeza brasileira El-Rei Francisco II; tanto basta para se comprehender que andam expatriados, e a illustre Senhora afastada da patria de seo nascimento, e amor, da terra onde reinava... de que é rei um membro da familia de seo marido.

A Senhora D. Paula Marianna (*) nascida em 1823 morria mui nova, assim como o Principe real, Sr. D. João, fallecido em 1822, de um anno de idade.

Finalmente em 2 de Agosto de 1824 nasceo S. A. a Senhora Princeza D. Francisca, a qual no 1.º de Maio de 1843 deu a mão ao Sr. D. Francisco de Orleans, Principe de Joinville, filho do ultimo rei dos Francezes, cavalheiro em toda a extensão da palavra, valente e leal espada, intelligencia altissima, e educação... como a récebiam os filhos de Luiz Philippe. N'uma corte, como a de Pariz, typo no esplendor da civilisação, e do espirito, a nossa Princeza tomou com honra o seo logar, e quantos a rodeavam, começando pelo rei, e a rainha adoravam aquella melhor *Estrella do Sul*; por quanto estes seos novos paes não sabiam que mais admirar nella — se os encantos de sua formosura, e graça — se o fulgor de seo espirito — se a grandeza de suas virtudes. Tambem um principe, e uma princeza existem desse matrimonio (pois do consorcio de cada um dos tres irmãos, o Imperador e as duas Princezas, existem dous fructos). Esta senhora curte igualmente nos nevoeiros da Inglaterra as saudades de sua patria, e da de seu marido, cuja familia, a despeito tambem de seos relevantissimos serviços, expia no exilio o *crime* da sua grandeza, e do seu patriotismo, em holocausto ás revoluções triumphantes!

Das tres augustas irmans, por tanto, do Sr. D. Pedro II, morreu uma, bem joven, sentada n'um throno, mas tendo supportado exilio, e corôa de espinhos; — outra vaga no exilio porque seos filhos são Bourbons —; outra vaga no exilio, porque seos filhos são Orleans!

Triste jogo da fortuna !.

Foram ellas as companheiras de sua primeira infancia; e depois que a rainha partiu, ficaram as duas inseparaveis socias de brin-

(*) Os nomes das duas princezas, nascidas logo depois da independencia foram ainda um acto de delicadeza do Sr. D. Pedro I para o novo Imperio — Januaria, em honra ao Rio de Janeiro — Paula Marianna, em honra ás provincias de S. Paulo, e Minas (d'onde Marianna era capital) que primeiras proclamaram a separação da metropole.

quedos infantis, e de estudos; e o pobre orphão, condemnado á Privação de mãe, e pae na extrema infancia, ia na adolescencia perdendo a companhia querida de todas suas irmans; ao completar os seos 20 annos, o Imperador não viu ao seu lado, nem tornou mais a ver, uma unica de suas idolatradas irmans. Naquelles paços, cujos echos repercutiam as memorias de tanto amor, de tanto affecto de familia, se aprestava a vagar o desventurado mancebo, solitario, triste, acabrunhado pelo peso de uma corôa, sem que uma voz feminil lhe dourasse a existencia, sem que um sorriso amigo de mãe, irman, filha, ou esposa lhe arraiasse de luz um viver monotonico e pesado.

E pois que ia perder em breve ambas as irmans que lhe restavam, resolveu S. M. ir buscar ao seio de nova familia os carinhos e affeições, que a antiga lhe não podia já liberalisar. (*)

Dirigidas as negociações pelo Sr. Barão de Cayrú, ao throno do Brasil subiu uma das mais virtuosas, como das mais illustres Princezas da Europa (**). Quem ha ahí que ignore os dotes da alma angelica da actual Imperatriz? quem deixa de conhecer, por si ou por proximos, algum acto de inexcedivel caridade, praticado modesta, suavemente, por aquelle typo de virtude? quem não sabe que a parca dotação de que a bondosa Princeza dispõe, toda se lhe esvahe em dadivas, e esmolas? que afflicção, que dôr, que aspiração justa se lhe lançou jamais aos pés, que não se erguesse satisfeita, e radiante de gratidão? que instituição benefica se levantou, que a Imperatriz se não desvanecesse de collocar-se á sua frente? Os nossos modelos de chefes do Estado são egualmente modelos de chefes de familia. Se as virtudes domesticas são apreciaveis em todos os degráus da escala social, com que esplendor não fulguram quando estrellejam no alto della! Aquelle delicioso lar attrahiria, por sua singeleza, por sua harmonia, todas as sympathias, e bençãos, ainda em casa obscura e pobre: que impressões de ternura e respeito não deve gerar, sentando-se esses conjuges em throno?!

Deste consorcio tem provindo quatro fructos, dous principes, e

(*) Casaram todos tres pelo mesmo tempo. A Senhora D. Francisca no 1.º de Maio de 1843; o Sr. D. Pedro II a 30 do mesmo mez, recebendo as bençãos a 4 de Setembro do mesmo anno; a Sra. D. Januaria a 28 de Abril de 1844.

(**) S. M. a Senhora D. Thereza Christina Maria, nascida a 14 de Março de 1822, tia do actual rei (*de direito*) de Napoles, é filha do finado Sr. Rei das Duas Sicilias D. Francisco I, filho do Sr. rei D. Fernando I e IV, filho do Sr. rei D. Carlos, filho do Sr. rei D. Philippe V, Duque de Anjou, filho do Delfim Luiz de França, e neto de Luiz XIV, cujos ascendentes na casa de Bourbon, e outras, sobem á maior antiguidade das familias reinantes.

duas princezas, mas não foi dado aos augustos consortes ver a sua dynastia perpetuada em linha varonil.

O Serenissimo Principe Imperial, Snr. D. Affonso, fechou os olhos na Quinta da Boa-Vista, aos 11 de Junho de 1847, pelas 5 1/2 da tarde, e bem pode então S. M. dizer que na dor, como no jubilo, fôra, como sempre, acompanhado por todos os brasileiros, que em tal occasião á porfia manifestaram as mais vivas demonstrações de lealdade, e adhesão á sua augusta pessoa, e imperial familia. (Igualmente perderam outro esperançoso filho.)

Pouco antes, como pouco depois de tão funebre successo, a Providencia se approuve em derramar balsamo sobre a ferida que ia rasgar, ou que havia rasgado o coração de tão bons paes.

A 29 de Julho de 1846, e a 13 do mesmo mez, em 1847 (*), nasciam SS. AA. as Sras. Princezas D. Isabel, e D. Leopoldina: mimosas cabeças de anjos sobre quem pousam tantas bençãos, sympathias, e esperanças deste Imperio, não obstantes os votos unanimes e ferventes, dirigidos aos céos afim de que para bem longe removam o dia em que o sceptro haja de ser transferido a mão diversa da que hoje tão honrosamente o empunha.

S. M. o Imperador, em tudo escrupuloso na observancia da Constituição, ordenou que apenas a Sra. Princeza Imperial completasse os seus 14 annos, de conformidade com o art. 106, prestasse o solemne jramento, que lhe abrisse as portas do magestoso porvir que a aguarda (**)

E' este o lugar de ponderar que S. M. o Imperador por tal arte distribue as suas horas do dia, e da noite, que a um tempo satisfaz aos seus deveres de monarcha, e de pae de familia, e sobretudo familia destinada a tão alta missão.

Os negocios publicos não padecem, e o Imperador vela immediatamente sobre a educação das Princezas. Elle mesmo lhes dá zelosa instrucção em certos objectos, e sobre todos os mais vigia dili-

(*) O mez de Julho costuma ser auspicioso para esta nobre familia. Nelle naseeram a Sra. Princeza Imperial, sua augusta irmã, seu tio Sr. Duque d'Aquila, o filho deste, Sr. D. Luiz, seus primos, filhos da Rainha de Portugal, Sra. D. Marianna, e finado Sr. D. Fernando; sua avó, a augusta Imperatriz Sra. D. Amelia; sua tia, a Sra. Infanta D. Isabel Maria, etc.; assim como foi neste mez que seu augusto pae tomou as redeas do governo, e ainda neste mez do anno posterior foi sagrado, e coroado!

(**) Mlle. Celier, na sympathica obra, que por vezes temos eitado, faz, alludindo a esta circumstancia, uma observação bem propria do seu sexo. Diz ella. « A princeza imperial foi a esta solemnidade trajada com um vestido de ponto de Inglaterra, pulseiras de perolas finas, e uma eharpa de grossas perolas, presa sobre o hombro pela fita imperial de cor azul. Parecia um anjo de graça, enviado de Deos para assegurar os futuros destinos da sua patria.

gente. E dando a SS. AA. a educação propria de Principes, que hão de reinar, leva sua attenção a todas as disciplinas, que são do dominio dos homens, alem da religião, e das prendas proprias do sexo feminino. Um soberano, que assim se applica a cultivar a mente de quem tem de succeder-lhe, torna-se a um tempo exemplo para monarchas, e para paes. (*)

Não nos deixemos por mais tempo enlevar em quadro domestico, aliás tão feito para arrebatat attensões, e affectos. Arranque-mo-nos á descripção da familia; é da pessoa, como imperante, e como homem, que nestas paginas nos occupamos.

(*Continua.*)

J. P. DE C.

*
(*) S. M. encarregou a pedagogia á respeitavel Sra. Condessa do Barral, os estudos mais elevados ao seu proprio mestre, Sr. visconde de Sapucahy, a religião ao digno Monsenhor Narciso, e as outras especialidades a pessoas competentes. SS. AA. fallam, e escrevem perfeitamente o francez, e estão em progresso nas linguas vivas, e na latina, historia, e geographia: cultivam a musica, dansa, e desenho. N'uma palavra, vão n'um geral adiantamento, e cultura intellectual, que promette continuar o brilho de tão esplendido solio.



ANEIS E PEIXES.

A. N. e S. O. eram dous jovens, cheios de fé, repletos de esperança e exhaustos de caridade, por ser esta, das virtudes theologaes, a que não anda sem perna emprestada. Aqui, perna é synonymo de dinheiro.

Desde que se introduziu entre nós a moda dos annagrammas, tremo de iniciar por letras maiusculas nomes que não convem dar por extenso.

Pelo amor de Deus não me confundam essas quatro letras; deixem-m'as assim emparelhadas como estão; respeitem a conjuncção que as separa, na certesa de que, desse modo, designa cada par um nome e um appellido.

Se suspeitam ahi mysterio; se, movidos pela curiosidade, commecam a fazer transposições, tudo está perdido! Nada mais facil do que engendrar-se d'ahi um nome inventado para um irracional, usurpado depois pelos homens, e que não acerta em nenhum dos meus meninos.

Vamos á historia.

Unidos desde a infancia, reinava a maior harmonia entre os dous ingenuos mancebos. Isto prova que não pertenciam a nenhuma companhia lyrica.

Occupando sempre um o coração do outro, tivera cada um delles o cuidado de deixar desoccupada uma nesga para o amor, ou para um sentimento a que se dá tão doce nome, quando é ainda o coração subjugado pela cabeça.

Fosse como fosse, viviam ambos na suave illusão de que amavam e eram amados: lá teriam suas razões para isso. Eu creio mais na segunda parte, e por um motivo bem simples. E' que aos 16 annos as creanças femininas são mulheres, e os homens são creanças. Quem puder provar o contrario apresente os documentos.

S. O.... só — dirá o leitor.

Pois engana-se redondamente.

S. O. acompanhado pelo seu inseparavel amigo, marchava, como elle, de cana em punho, com direcção a uma pittoresca praia.

Dous annos antes, completando o uniforme com o chapéo de bicos de papel, caminhariam sem destino, orgulhosos da sua posição social! Agora era outra cousa.

Um longo rochedo lhes offerencia camindo, a pés enxutos, para um lugar onde os peixes eram como mosquitos, mais pelo tamanho que pelo numero. Tratava-se de uma pescaria, e não faltavam os petrechos para a guerra declarada contra os frescos habitantes do vasto imperio de Neptuno. Mais um instante, eis os dous campeões firmes no posto, á espera do exercito inimigo, que se não mostrava disposto a correr ao lugar do combate.

Eu aconselho aos paes que tiverem filhos com tendencia para a libertinagem, que lhes influam a paixão pela pesca. Conseguido isso, o triumpho é certo. Não ha velho jogador de gamão que não tenha sido, na mocidade, pescador. Já lá vem de traz a paciencia.

Um pequeno brilhante, engastado em singelo aro de ouro, reluzia no dedo minimo da mão esquerda de S. O.

Interrogado pelo companheiro, contou elle a historia d'aquelle anel. Era simples.

Fôra um brinde da candida virgem dos seus sonhos.

Como ella pôde comprar, ou mandar fazer, o presente para brindar o seu Adonis, não o sabia elle, não o sei eu nem o leitor o saberá. Como houve dinheiro para pagal-o, não é da conta de ninguém, nem a minha narração demanda indagações a tal respeito.

Para provar a pureza da donzella, bastará saber-se que o anel era largo de mais para o dedo, o que, de certo, não succederia se ella tivesse tempo de tomar a necessaria medida.

Diziam que o rapaz era aleijado, o que era uma calumnia. Habitara-se a trazer sempre o dedo dobrado, unico meio de impedir a queda d'aquella preciosidade, que não podia separar de si.

No exercicio da pesca foi obrigado a servir-se de todos os dedos, e lamentava, até, não ter mais alguns; — tal era a impaciencia com que fazia ondular o fio pendente da cana, admirado pela demora dos peixes.

Pesca d'aqui, pesca d'acolá, anzol para baixo, anzol para cima, até que foi pescado o anel que, envolvido no fio, se precipitou no mar!...

Cedo ou tarde, eu havia de descobrir a rasão porque os pescadores de profissão não usam de aneis com brilhantes.

II.

Por obsequio ao leitor sensível não descrevo o misero estado em que ficou o pobre moço, depois deste fatal acontecimento. Pallida seria toda a descripção, embora commovesse as almas propensas a chorarem as magoas alheias !

A. N. procurava todos os meios de consolar o seu desditoso amigo ; mas era de balde, porque as grandes dôres não se curam com palavras melifluas.

Como acreditaria na aventura a moça adorada ?

Como receberia ella a noticia da perda do mimoso penhor do seu affecto?..

A estas interrogações, que a si proprio fazia o desventurado mancebo, respondiam lagrimas... só lagrimas !

Era facil comprar um anel semelhante, ao menos para subtrahir a moça a um dissabor profundo ; mas... oppunha-se a esse alvitre uma pequena duvida.

Faltava o dinheiro !

A esta sincera confissão respondêra o dedicado amigo com a offerta do necessario para a compra, e tudo seria remediado, se não houvesse uma data gravada na parte interna do aro.

A. N. fornecia ainda a quantia precisa para pagar ao gravador.

Mas... outra duvida difficultava a empresa.

O infeliz S. O., educado livremente, dado, desde tenros annos, ás distracções, tinha-se esquecido de aprender a ler ; sabia que os rabiscos gravados no aro commemoravam uma data, porque o dissera a offerente, e não era capaz de mentir.

S. O. chorava, e A. N. pescava, ao passo que lhe ia prodigalizando quantas consolações lhe suggeria a amizade.

Um novo personagem veio tomar parte no doloroso drama. Era um peixe, surpreendente, ali, pelo tamanho, e que passando, por acaso, tivera a funesta curiosidade de ir de perto reconhecer um pequeno vulto encarnado, que nunca vira lá nas suas longinquas paragens. Quando soube que era um camarão, era já companheiro da innocente victima da guilhotina.

A. N. serviu-se ainda desta apparição para distrair o seu amigo.

« Vamos embora ; — diz elle — vamos ao hotel mais proximo, mandamos preparar o peixe, e sentados á mesa pensaremos no meio de salvar-te do perigo em que estás. »

O desditoso cedeu, e é agora que principia o romance, no momento em que está para acabar.

O cosinheiro tomou conta da presa, e dispunha-se a arrancar-lhe o resto de vida que a animava ainda.

O pobre peixe, vendo-se isolado neste secco mundo, sentia-se incommodado como qualquer de nós se sentiria na sua humida habitação.

Cada qual é para o que nasceu.

Saltava de um lado para o outro, escapando-se repetidas vezes das mãos que o prendiam.

Contra a força não ha resistencia.

O corajoso discipulo de Domingos Rodrigues lançou um panno sobre a victima, grosseira parodia ao manto da misericordia, prendeu-o, lançou mão da faca, e, de um só golpe, abriu-o de alto abaixo !...

CONCLUSÃO.

Querem saber o que encontraram dentro do peixe !... Oh! prodigio do acaso !

Espinhas !...

F. X. DE NOVAES.



ÁS PORTAS DA ETERNIDADE.

*« Ainsi, prêt à fermer mes yeux à la lumière,
Nul espoir ne viendra consoler ma paupière :
Mon ame aura passé, sans guide et sans flambeau
De la nuit d'ici-bas dans la nuit du tombeau, »*

(MEDITAÇÕES. — Lamartine)

Lisboa meia adormecida cahia no remanso, que vai, no inverno, da meia noite ás quatro horas da madrugada. Como alto e encapellado mar, a noite era feia de ver : o vento rebramia com furia nos telhados e chaminés abaladas, e a chuva cahia abundantemente despenhando-se nas ruas com o estridor de torrente impetuosa.

No segundo andar de uma casa da rua de *** uma mulher, vestida de preto, com os cabellos meio soltos, encostava-se a uma janella aberta, expondo a fronte dessa palidez requeimada da febre interior, ao ar frigido e penetrante da atmosphera.

Grandes e insondaveis luctas lhe roubaram das faces o mimo da infancia, não podendo comtudo sulcal-as com as rugas da velhice. Não agrada, talvez, aquelle rosto á primeira vista ; mas, examinado de perto, vê-se que foi e é ainda formoso. E' um destes compostos de graça e sobranceira, um mixto de seducções e maneiras que attrahem e repellem ; é emfim, um mysterio, como mysterio ficará para o leitor.

Flôr queimada ao desabrochar, lá te foi caminho para sempre, a esperança e a lindeza primitiva ! Feliz de ti se apoz tambem te fugira a memoria, esse verdugo impiedoso e nunca farto dos que muito esperavam do destino.

Vai, descansa : as tuas dores magoaram o mundo ? Tentou elle sequer sondal-as ? Não : assim passarás desconhecida a dormir o teu derradeiro somno.

Que dor tão intensa desde a resignação das lagrimas até ao infinito do desespero avido e mudo ! Que rapidas e dolorosas mutações !

que rasgar de coração é esse ! Um momento igual deve remir annos de culpa : serás perdoada, se as tens na consciencia, infeliz ?

Déz minutos a contemplamos ali :

« O tempo passa — murmura com voz surda — Mundo ! mundo ! adeus ! Não te verei mais ; não se fixarão mais os meus olhos enlevados no repontar da manhã, nunca mais o esplendor do teu sol alumiará a triste realidade das minhas trevas !... »

E agora, nem lua, nem estrellas no céu !

Tudo é tenebroso na hora de resvalar ao sepulchro ; tudo, Senhor ! Podereis vós perdoar-me ? Ponde os olhos na minha miseria : nobre esforço era viver, se eu pudesse esmagar o coração debaixo de uma estúpida e falsa dignidade ; mas não posso, meu Deos, não posso !

Disse, pôz as mãos, fitou os olhos marejados de lagrimas na amplidão escura e immensissima do espaço, fechou a janella, e sacudindo as madeixas humidas que lhe assombravam as faces : « vamos, diz, a hora aproxima-se. »

E com passo seguro eil-a em frente do espelho, levantando e recompondo os cabellos com um requinte de galanteio, ironico e dorido. Depois, despe o funebre vestido trocando-o por outro cuja alvura transparente unida á expressão da sua phisionomia lhe dá um ar phantastico e sobre-humano.

Prompta d'ahi, toma de um cofresinho de charão um curto e elegante punhal com cabo de marfim, e um bracetete de cabellos escuros.

De joelhos : « O' mãe, ampara-me ! — exclama cingindo o braço esquerdo ; e tu, não me falseies, talisman contra o soffrimento.

Duas argolas de ouro finissimo se unem uma a outra no dedo anular da mão direita. Volteou-as entre os dedos tremulos, beijou-as, e suffoca, comprimindo o seio, um soluço despedaçador que ali vinha quebrar de encontro.

Uma hora, lenta, repercutida em varios relogios sôou neste momento como um éco lugubre. A desgraçada estremeceu ; e, levantando-se vagarosamente, sentou-se a escrever : ouçamol-a :

« Meu querido amigo.

« Mal lhe dirá o seu bom anjo, nesta hora, que triste despertar eu lhe preparo !

« Não lhe disse eu tanta vez que me faltava coragem para viver ? Era preciso acabar com isto. Ha quatro annos que sonho com o suicidio ; sobrou-me tempo para acostumar-me á idéa da morte, tão magoada e assustadora para os felizes.

« Que é isto de acabar ? Uma mão onde o *punhal seja leve*, quatro dedos de ferro no seio, e um ai na eternidade.

« Que viver era este meu ? Que esperanças o adoçavam, que futuro me entreluzia ?...

« Por toda a parte a escuridão cerrada ; horrores, e maldições !... Perdão, meu irmão, perdão. Eu sei que offendo a sua nobre e sympathica alma ; sei. Quando os seus olhos se fixam nos meus vejo-me nella, e leio mais do que os seus labios me dizem. Quando a sua voz me diz : « Pobre mulher ! » Ha ali uma sinceridade tão tocante, uma piedade tão misericordiosa, que vale mais essa unica frase ao meu coração, que mil idilios suspirosos e amantissimos de poeta.

« Poeta ! Incauta, ou muito ingenua e inexperiente é a mulher que acredita na affoiteza ardente de uma linguagem que o mais das vezes é unicamente forçada ao estylo !

« Sabe o que eu queria, meu irmão ? Era poder refundir-me no anjo que me crê ; era esconder-me na sua affeição tão santa e tão pura ; era esquecer-me do que sou. Porque, lembre-o bem, meu querido amigo, eu sou uma miseravel !

« Morro, por que não posso vencer-me, morro por que é preciso levantar uma barreira de gelo entre uma imagem adorada e o meu malfadado coração.

« Sempre a amar aquelle homem ! Sempre. A cada novo insulto, a cada blasphemia que lhe sahe dos labios mascarada debaixo de uma excessiva e ironica polidez, esta cabeça que tão ufana de si se levantou outr'ora, curva-se submissa, como o animal humilde affagando a mão que o castiga sem causa.

« Baixeza de instinctos e sentimentos lhe chama elle ; mas não é, meu amigo, não. E' uma covardia que a mim mesma me revolta, é o ascendente do senhor sobre o escravo, é emfim este amor-castigo de que eu não posso dessoldar-me. Não lhe admire só a persistencia e intensidade, admire antes que a mulher forte e varonil, não tenha força para o subjugar, levantando a sua dignidade do chareo ignominioso em que jaz. Vergonha é confessal-o ! e maior ainda quando se acaba com a existencia para poupar a alma ás dôres já previstas do triumpho de uma rival feliz.

« O' meu irmão, não despreze a minha memoria. Quem sabe ? ! Quem sabe se a minha morte o salva do máu destino de amar-me ? Eu sou uma mulher fatal. Por todã a parte onde tenho chegado nesta dolorosa romagem, tenho accendido impressões fortes, e grandes dedicações ; mas de repente e sem saber como, umas des-

apparecem, outras despedaçam-se contra o meu sestro maldito. A morte, a desgraça, e até a demencia, são o meu cortejo ; e que longo elle é, oh meu Deos !... Que reminiscencias nesta hora solemne !... Deixe-me já quasi dos aditos de um outro mundo conversar consigo, meu irmão.

« Que infancia, que alma tão poetica e disposta ao sentir intimo e desconhecido eu já tinha aos dez annos ! Nos meus anhelos via sempre não sei que horisontes deslumbradores, por onde revoavam seres angelicos e de azas refulgentes, que eu chamava n'uma adoração muda e concentrada.

« Minha santa mãe olhava-me como votada ao infortunio por uma superstição em que avultavam não sei que estranhas influencias, e agoireiras circumstancias que presidiram ao meu entrar no mundo. Habituei-me por tanto a ouvir fallar do meu destino com um recato mysterioso que aguçava o meu curto espirito, e me fazia scismar.

« Talvez me engane ; mas cuido que foi este o principal incentivo ás minhas cogitações tão improprias d'aquella idade.

« Accresceu a isto o desenvolvimento rapido da natureza que me tornou cedo mulher nas fórmas. D'aqui proveio esquecerem os homens o verdor dos meus annos, outros enganarem-se com as apparencias, e feriram logo os meus ouvidos com a linguagem arrebatadora das paixões. Era de ver como eu na innocencia da minha razão, acreditava o que não passava muitas vezes de mero galanteio ! Outros assustavam-me com transportes fingidos, e eu tomavá-lhe medo !

« Ditosa idade !

« A maldição de Deos pesou-me de leve no berço, para eu sentir mais tarde a dôr sem igual que me absorveu os mesmos e rapidos momentos de ventura, logo esquecidos no pungimento da saudade, por esses que são já ha muito puro espirito na mansão celeste...

« Como eu ainda me recordo do meu primeiro, e infantil amor !

« Cedo se realisou o vaticinio que me fôra predicto. Um dia, acordei ajoelhada aos pés de um cadaver : era elle.

« Mais velho do que eu quatro annos, Antonio Augusto era filho de abastada casa, e vivia muito na intimidade da minha familia. De bem menina me lembra correr no jardim de nossa casa por entre as roseiras que elle ceifava ás duas mãos, atirando-me as petalas ás faces, que lhe eram nessa época ignaes em mimo e frescura.

« Apezar de ouvir, e mesmo o chamar meu desposado, Antonio

Augusto estava no meu pensamento como qualquer dos meus irmãos. A revelação devia chegar mais tarde.

« D'uma saude muito debil, Antonio Augusto ia deperecendo lentamente como um lyrio que só devia refflorir no céu. Magro, pallido, grandes olhos negros, boca mimosa assombreada por ligeiro buço, e um natural pendor para a melancolia, filha talvez da morbidez da doença, que desde creança se lhe inoculára, eis o seu retrato physico, que estou vendo no espelho da minha imaginação.

« Da alma, pouco direi : era um anjo.

« Verdadeiramente inspirado o julgavam todos, quando sentado ao piano arrancava do instrumento docil sons de uma maviosidade tal, que parece se dobrava a um milagre occulto que o fazia gemer.

« Desde então, a musica ficou exercendo uma influencia mysteriosa nos meus sentidos. Nas horas mais torvas de amargura, o meu espirito folga de ir acoitar-se no cantar como invocação ás lagrimas rebeldes.

Nos intervallos em que a tosse o deixava, Antonio Augusto encrava-me com os olhos cheios de pranto, apertava as minhas nas suas mãos abrazadas e dizia : « Se tu morresses comigo, não levava saudades do mundo ; mas deixar-te !...

E eu ; que lhe diria eu ? Não me lembra : creio que tambem chorava, principalmente quando me lembrava que o não via mais, e que os vermes haviam de devoral-o.

« Morreu : era o meu terrivel destino começando por este annuncio a sua interminavel carreira. Depois disto, foram desaparecendo um a um todos os que me tinham sido caros pelos laços de sangue e affeição.

Depois... ai ! Deos é bom, a sociedade rasoavel, o mundo justo. Tudo mereci : vivi, e morro só....

« Houve um homem que chorava muito, prostrado no chão que eu pisava, e abafando-me com os seus suspiros ; e eu condemnada a conhecer em breve a dôr que o alanceava neste momento, punha a mão na consciencia, e achava lá o tedio, e o enfado.

« Um homem chorar ! — dizia eu com ironico sorriso, e inaudita barbaridade : — Que queres ? — me respondia — E's forte por que não amas, e eu sou fraco por que te amo muito, e sei que heide chorar-te sempre !

« Mentiu : mas eram verdadeiras aquellas lagrimas, e merècerias eu?...

« A punição veio logo a caminho : amei. Amei, e amo, como eu creio que não se ama neste mundo, onde não cabe em coração de

homem tanto quanto eu lhe dei : E hoje vou apagar no tumulo os ultimos clarões deste incendio que me consome a vida.

« A morte vai ser doce, meu amigo.

« Exore a minha alma quando nuvens negras se amontoem sobre a sua cabeça ; eu descerei em espirito a confortal-o.

« Agora, adeus, meu querido irmão, adeus.

« O Senhor me leve em conta as agónias deste passo : possam ellas remir-me do crime.

« Dois minutos mais para elle ; e saudo-o já das portas da eternidade. »

Lacrada esta carta, vemõ-a tomar mais papel, e continuar a escrever com ligeirèza tal como se a mão não podesse, senão a custo, abranger o pensamento.

Continuemos a nossa compassiva espionagem.

« Christiano.— Está a soar a hora do arrebol de uma outra vida. Nella se vão acabar todos os vestigios materiaes que descem á terra sem levarem o bápismo de uma lagrima tua. Não te culpo ; mas o coração goteja sangue, que escalda.

« Tanto esperei desta paixão infeliz, e tão pouco lhe devi ! Fui eu só a perder-me, e ainda bem ! A ti, dei-te tudo o que innobrece e exalta a mulher ; só levo aos pés de Deos as agónias infindas que me envelheceram nos melhores annos : sirvam-me ellas de graça divina.

« Se tu pesasses a dôr da mulher que cae, depois de grande lucta, diante de se propria ! ?... Nem tu, nem ninguem.

« Aqui tenho uma pagina da tua carteira.

« A desgraça tem ironias que vingam a moral. Adeus, anjo perdido ; agora sei, e sinto, que não te verei mais. E' verdade, nunca mais !... Este nunca mais é atroz !

« Vou morrer, Christiano.

« Ha dez noites que os meus olhos mal se fecham.

« Ha dez dias que as dôres do inferno me são appeteciveis: devem ser mais brandas do que as minhas.

« Se eu podesse contar com a tua piedade, pedia-te que te esquecesses do que fui, supplicava-te que me olhasses como tua irmã, deixando-me por unico premio chorar no mesmo seio que me abriu as feridas.

« Sei, porém, que de nada serviria a humilhação. O meu unico conforto é a lembrança de que um dia, quando te branquearem os cabellos, quando a consciencia poder fallar despida dos arrebiques

emprestados por uma imaginação sempre avida de gosos desconhecidos, o teu espirito voltará ao passado em busca desta sombra esvaecida, que te arrancará então o sincero pranto do arrependimento.

« Compreenderás depois, que eu era a mulher a quem não podiam ser estranhos os teus sonhos mais profundos, ou as idéas menos lucidas que te passam na mente. Não quizeste, ou não pudeste : a tua velhice correrá triste e solitaria. Pensa então nessas palavras que ha pouco tempo escreveste á minha vista : « Os castigos não são desgraças... »

Acceitamos, pois, com coragem o nosso calix ; o meu em breve estará esgotado. Sabes que dia é hoje ?... Vê se te recordas... Quatro annos, vinte e sete de Setembro, quatro horas da manhã !... Serão os teus passos que de manso chegam ao leito onde repousa uma mulher que poucas horas depois recebias de joelhos ?...

« Lembrás-te daquelle vestido de setim verde, daquelles adornos graciosos, daquelle colo e braços de rainha, como lhe chamavas ? !

« Tempo ! tempo ! tudo gastas, até a reminiscencia no coração do homem ; só a mulher conserva, puro de mancha, o amor que a santificou.

« Cuidava eu que a lembrança do repouso, depois de tão affanosa lide, me deixaria fallar-te com serenidade : vejo que me enganei.

« Por que me aborreces tu ? Que outra mulher te dará os thesoiros de sentimento que eu te dei ?

« O' Christiano ! amada por ti, desafiava o proprio Deos a tirar-me a vida ; o mundo já me pareceu tão bello ! mas com a certeza do teu odio sou eu que a corto, desafiando o mesmo mundo a salvar-me.

« Diz-me o coração que o futuro me coroará na tua phantasia, quando o momento da justiça chegar...

« A minha mão desfallece, o meu espirito succumbe. Não te ver mais !

« E' preciso.

« Recolhe as minhas ultimas palavras : Morro por ti, morro amando-te.

« Estás perdoado !...

« A minha razão vacilla, os meus sentidos escurecem, parece que já entro no suor do trespasse.

« Adeus ! adeus !... Oh ! como eu te choro, cruz adorada que eu tomei sobre os meus hombros com o entusiasmo d'uma crença sagrada e grandiosa ! A minha religião foste tu.

« Vem, Christiano, vem ; sou eu que te chamo ; vem depôr na face já fria da moribunda o beijo do adeus extremo ; seja essa a unção para o caminho assombroso, do esquecimento e da paz...

« Ouço a voz do cantor da madrugada. E' o primeiro annuncio da aurora... Aurora sem dia !

« Faze que me enterrem vestida como estou ; que nenhuma outra mão me toque, senão a tua.

« Guarda este punhal que me deste, tinto no meu sangue ; e por elle, perdoa-me o muito que te amei... é tarde. Adeus ! adeus, meu saudoso e desvairado amor ! Não te peço fidelidade ás minhas cinzas ; peço-te um gemido, um só-lamento para a martyr. »

A's oito horas da noite, desse mesmo dia, dois vultos embuçados em mantos escuros seguiam, caminho do cemiterio do Alto de S. João, um esquife tão pobre e desacompanhado, que ainda ahi parecia ir depôr a martyr a irrisão da desgraça !

Era findo o drama... tão simples !...

ANNA AUGUSTA PLACIDO.



A estrella do poeta.

Ouvre ton aile et pars.

TH. CAUTHIER.

Já raro e mais escasso
A noite arrasta o manto
E verte o último pranto
Por todo o vasto espaço.

Tibio clarão já çora
A tela do horizonte,
E já de sobre o monte
Debruça-se alva aurora.

A' muda e torva irmã
Dormida de cansaço
Lá vem tomar o espaço
A virgem da manhã.

Uma por uma vão
As pallidas estrellas,
E vão, e vão com ellas
Teus sonhos, coração.

E a ti, que o devaneio
Inspiras do poeta
A vaga azul e inquieta
Abre-te o humido seio.

Descoras, astro amigo,
Aguas do mar, tomai-a,
A estrella que desmaia
E volta ao somno antigo.

Vae, loura enamorada,
Viver de uma outra vida,
Na vaga adormecida,
Da brisa acalentada.

A virgem da manhã
Já todo o céu domina....
Espero-te, divina,
Espero-te, amanhã.

MACHADO DE ASSIS.



Un precedente per nessun!

EPIGRAMMAS VIVOS.

1.

Um pretendente por musica.

O Sr. Manoel João é um honrado mercador de fazendas brancas, retirado de seu util negocio em uma cazinha vistosa, alindada de papel pintado e espelhos francezes, na excellente villa de M...., que prima pelo character festivo de seus habitantes. E' gordo, baixo, andam-lhe os pés em desafio mutuo, e em guerra aberta com os sapatos, que não lhes podem comprimir o volume; os raros cabellos já lhe brincam pela testa queimada, que se avermelha algumas vezes com o influxo de certo espirito estrangeiro, que para evitar equívocos declaro que vem engarrafado. O nosso homem é viuvo, dá dinheiro a premio, a prazo curto, e nunca por mais de dous por cento mensaes; diz, com bastante razão, que sendo o povo indolente, é mister activar-lhe a vontade com as coegas do juro. Exceptuando este pequeno sophisma, o Sr. Manoel João é em tudo um excellente rapaz em *conserva*; no seu tempo era frequentador assiduo de fados, e por lá deixou muitos olhos negros feridos pela alvura de seus dentes em completa guarnição, e o bem cortado de suas nizas de brim amarello. D'esse tempo ficaram-lhe apenas dous dotes, a paixão pelo violão, em que é tido por um Paganini quatro legoas á roda, e um certo amor, não inteiramente platónico, por aquellas lindas *raparigas* do Alto Douro, que vem do Porto, toucadas de lacre vermelho.

Coitado! dóe o coração ouvindo-o, quando está tocado das amabilidades d'estas *senhoras*, fallar a respeito da cara metade, a mais excellente artista de empadas, requeijões, pasteis, biscoutos, tarecos, etc., que jamais produzio a nobre villa de M...., tão querida dos palladares allemães, e inglezes, que tem viajado por estes sertões. Quantas lagrimas não verte o Sr. Manoel, ao lembrar-se dos belloslundús, que cantava á varanda, recostado na rede, saboreando os excellente doces, que a Sra. D. Quiteria lhe estava preparando em

frente, á sua vista, com aquellas longas e amorenadas mãosinhas, que estão agora envoltas de cal no cemiterio da villa.

Felizmente deste consorcio ficou-lhe um *broto*, uma florsinha mimosa, esguia como um penacho, meiga como uma cigarra, e amarella, quero dizer pallida, como aquella imagem de Atalá, que veio para a sala do Sr. capitão-mór, não sei de que terras estrangeiras. Com que cuidado não foi educada! que mimos! que descantes ao berço! e quantas vezes o honrado jurista não a acalentou sobre as mangas do seu paletó de baetão, em risco de nodoar a bella côr preta do pello. Assim a menina cresceu franzina, meia vesga é verdade, porém amante apaixonada de walsas e quadrilhas, admiradora de todos os rapazes de perna fina e de todas as mulheres sympathicas, quero dizer feias. Sobre tudo, o que prezava mais era ouvir uma voz de tiple em falsete, engastada em um peito tuberculoso, e solta por labios mais desbotados, que os espectros que figuravam em todos os seus romances favoritos. Escusado é dizer que ninguem sabia pôr melhor na cabeça um toucado com toda a casta de variedades da flora brasileira, apertar na fina cintura um vestido de seda amarella com enfeites encarnados, calçar botinas azues com saltos vermelhos, dançar a *varsovianna*, com certos desfallecimentos encantadores, e arranhar no piano aquella famosa valsa a *rainha das flores*.

Quem podia, sem vaidade, aspirar á posse de tão impalpaveis encantos? E' escusado dizer, que os vestidos amarellos da menina, as *notas* pretas do pae, e certos requebros feiticeiros de olhos, estudados com todo o cuidado ao espelho, desde as oito da manhã até o meio dia, tinham posto em revolução as mais elegantes e bem penteadas cabeças dos janotas da villa. Esposar a Sr. D. Solidonia, a flôr mais delicada, de mais metalico brilho de toda a redondeza, era uma paixão, uma mania, que despovoava as lojas, vendas e negocios, de todas as cazemiras de quadros, chapéos á Garibaldi e á Tamberlick, botas de verniz, esporas de prata, chicotes de Sorocaba, charutos da inexgotavel Havana, e dava que fazer ás pobres pernas de todos os cavallos, de tarde, de manhã, nas noites de luar, emfim a qualquer hora em que a Sra. D. Solidonia dava um ar de sua graça n'aquella janella favorita da sala de visitas, recostando-se com um ar encantador, todo copiado do romance de *Amanda e Oscar*; em que ella punha o queixo agudo sobre a mão descarnada, e elevava para o céu, com a mais difficil languidez, os seus olhos azues amarellados.

Domingos Antonio, negociante de quadrupedes para sella e can-

galha, frequentador de feiras, acostumado á giria de Sorocaba, armado de bellas suissas ruivo-desbotadas, e que fumava soffrivelmente a cigarreta, pareceu por muito tempo ser o preferido entre todos os cavalleiros, que atormentavam a calçada fronteira com seus continuos passeios. O paulista sonhava já fertilisar os annos nebulosos do casamento com algumas variedades da sua provincia, quando se podesse desprender dos apaixonados abraços da romantica Solidonia; mas uma falta incalculavel, um desleixo de educação, lançaram abaixo todo o castello que fabricára na terra ideal das patacas.

Uma noite estavam ambos em um *soiree* dos mais escolhidos; havia cadeiras de palhinha e velas de espermacete; os janotas traziam luvas de pellica côr de cana, e já andavam pairando pelos choreo-graphicos aperfeiçoamentos da quadrilha dos lanceiros; as damas vinham todas aformoseadas de espigas de ouro, por entre os seus indoeis cabellos. Era uma noite de poesia! Alguns gollos de genebra tinham electrizado as cabeças mais poeticas; o Sr. Domingos Antonio, que era bom camarada, deixara-se attrahir pelos doces acenos de um calix de chrystal, levando-o aos labios mais de tres vezes. De repente soou a musica, e que accordes sublimes não sahiram daquellas violas, flautas e pistões! Parecia um terremoto de sons. Ia dançar-se uma quadrilha do *Elixir de Amor*, aquella que todos os garotos souberam de côr, e que ha de passar á posteridade nos labios dos vagueadores nocturnos. O nosso *leão* entezou a perna, passou a mão pelas suissas, e, dirigindo-se á Sra. D. Solidonia, disse-lhe com a maior amabilidade:

— Vossa *inseleneia* faz-me a honra de sahir comigo?

— Quem poderá deixar de aceitar as galhardias de tão requintado cavalleiro?

Respondeu-lhe a menina, deixando-lhe ver a bella collecção de topazios que seus labios occultavam, e pondo-se nas pontas dos pés, deu-lhe apenas a tocar as ultimas phalanges dos dedos, com cuja posse elle avançou para a frente mais ufano do que um poeta de quadras natalicias em jantar de millionario. Mas quando as primeiras figuras da quadrilha haviam sido saboreadas, o nosso conquistador, prestes a fazer uma declaração, decorada do Carlos Magno de um tio velho, cura das bandas da França, ouviu a voz aflautada daquelle anjo pecuniario perguntar-lhe:

— De que opera gosta mais o Sr. Domingos?

« Eu, a respeito de operas, só ví a do Doutor Sovina; que é bonito, faz rir quando o homem vem com a hortaliça; até, se quer, sei-o de côr, posso dizer-lhe.... »

— Pelo amor de Deos! cale-se, que horror! pois o senhor não ouviu cantar uma opera, a *Pega Ladra*, *Moysés no Egypto*, *Nina louca por amor*, qualquer desses portentos, dessas sublimidades, por quem todas as meninas e moços da moda devem ser loucos?

« Não, minha encantadora D. Solidonia, se eu nunca gostei de musica... »

— Que diz! fuja, oh! o senhor é um tyranno, tem as feições ferozes de um castellão, é um cadaver de assassino, escapo aos horrores do cemiterio, os seus olhos brillam nas trévas como os da hyena: não quero mais vel-o; não gosta de musica; odeia a arte que produziu as mais bellas modinhas; não gosta da *Joven Lylia abandonada*, do hymno dos Reis Magos! eu desfalleço de raiva: deixe-me, tyranno!

Esta apostrophe, plagio incontestavel dos mais acreditados romances de *Mistress Ratcliffe*, proferida com tom assobiado, semeado de espasmos gutturaes, em que assomava aos labios a bateria amarella dos dentes, foi como um tiro disparado no coração do pobre negociante de quadrupedes. Não podendo continuar, entregou o par a um amigo, filho do mestre eschola do lugar, e foi curtir suas mágoas, em um canto, entre uma empada de camarões e uma garrafa de moscatel.

E' escusado dizer que o filho do mestre eschola, o muito sábio Sr. Alacrino Sapucaia dos Aymorés, tambem tinha certas intenções secretas sobre as bellas qualidades futuras da brilhante Solidonia. Como todo o filho de pedante, o nosso Alacrino tinha horror ás letras, e paixão decidida pelo espelho; ninguem sabia fazer melhor uso de um pote de pomada, para dar brilho aos desbotados cabellos, que nem eram louros, nem brancos; ninguem trazia calças mais apertadas á perna, nem disfarçaria com mais arte os terriveis joanetes dos pés. Era vel-o nos vortices das valsas prender os pares nas mãos ossudas, apertar as rarejadas pestanas, e erguer o pé esquerdo com tanto donaire, que todas as meninas de vestido amarello acabavam por dizer-lhe no ultimo passo:

— O Sr. Alacrino é muito perigoso; quasi que cahi ao chão com o gosto de vel-o dançar tão bem!

O nosso cavalheiro inclinava até o chão a magra fígura, apartava com certo ar delicado os cabellos abertos pelo meio da arredondada cabeça, e, sahindo com ar triumphante, ia fumar, no canto do pátio, algum claruto de vintem filado aos seus admiradores.

Para esta natureza franzina, antipathica aos rudes trabalhos, que foram feitos para os tolos da sociedade, um dote, em boas notas do banco, embora velhas, era o mais bello ideal do futuro.

Percebendo o colloquio animado entre a *sympathica* Solidonia e o amigo paulista, o nosso leão d'aldea aproximou-se, ouviu tudo, e lançou mão á dourada presa. apenas o açor foi roer as bicadas da phenix morta para o exilio da cozinha.

O Sr. Alacrino, além de uma calça de quadros, um collete de velludo carmezim, e uma luneta de tartaruga em segunda mão, possuia tambem os restos de uma bella voz de tiple, que n'outro tempo fôra exercitada no côro da matriz, nas sublimes inspirações do cantochão. Havia alguns mezes que, tendo tirado um premio na loteria, o nosso leão quiz ir fazer conquistas á côrte, por entre a lama da rua do Ouvidor, já cançado de confiscar para si os elogios das monotonas provincianas. Foi uma decepção! Ter sido o heróe dos saráos d'aldeia, ter visto as mais alambicadas leitoras de folhetins, designarem-o na terra natal, como o typo dos mais seductores heróes de A. Dumas e Eugenio Sue, e passar pelas ruas tão bem illuminadas do Rio sem que o seu chapéo alto de fôrma colossal, a sua longa cabelleira de fios de estôpa alcançassem mais do que algum risinho de loûreira, curiosa de originalidades, era para irritar nervos menos pretenciosos que os do Sr. Alacrino!

Depois de ter corrido todos os divertimentos publicos mais afamados na provincia, desde a Fabrica de Cerveja até o baile Gravensstein, de ter ouvido as vozes equivocadas das celebridades de programma, que vem mimosear o publico fluminense com seus trinados, entre as paredes cambaleantes do Provisorio, o Sr. Alacrino voltou, enfatiado da ingratição dos cariocas, para o seu solar provinciano, convencido de que fôra da notavel villa de M..., não havia no Brazil, nem gosto, nem apreço para os grandes homens em perspectiva.

D'esta excursão recente ficára-lhe na malla intellectual uma reserva de arias, cavatinas, e canções, de todas as operas famosas, a começar pelo Trovaçor, e acabando pelo Hebreu, com que o ambicioso janota pretendia deslumbrar as amaveis conterraneas. E' verdade, que ás vezes a voz podia andar em desaccordo com a harmonia, as notas escoarem-se por entre os dentes, e dar a paternidade de Verdi a trechos que pertenciam a Appoloni; mas para estes descuidos, o nosso heróe contava com a indulgencia de memoria de todas as illustrações, que na sua villa constituíam o que por aqui se chama publico elegante. Mas, para empregar este arsenal de meios fulminantes, com que contava reduzir a creme os corações mais robustos, Alacrino só esperava occasião digna, em que tantas riquezas podessem ser lançadas em chão fertil e promettedor.

Quando menos esperava, a occasião chegou.

Alacrino arqueou o braço com o ar mais distincto, que vira em alguns frequentadores da casa Wallerstein, pôz a luneta a cavallo no nariz, para melhor apreciar a languidez romantica de D. Solidonia, e offereceu-lhe o braço. Toda a roda, que os circumdava, composta de bellas invejosas, e de leões modelados pelo illustre viajante, chegaram ao nariz os ramalhetes collossaes, e assestaram os olhos esgazeados n'aquelle par encantador, devorando a raiva que os mordía, por ver unidas pessoas tão elegantes, que sabiam de cór tantas modinhas, tantos trechos de romancistas, e que podiam asseverar com ufanía, que não andavam na moda muito distantes dos mais adiantados modelos da rua do Ouvidor, na ultima estação.

« Quanto é doce, minha senhora, — disse com voz melliflua o terrivel leão, — poder apertar contra o peito um braço tão delicado ! »

— O Sr. Alacrino é muito sympathico na sua linguagem, e estou que é incapaz de pensar a respeito de musica como o seu amigo Domingos.... —

« O Domingos ! é um fossil. A senhora espanta-se ? Não se admire ; esta palavra ouvi-a da bocca do primeiro janota do Rio, em uma noite de theatro lyrico, quando se representava o Trovador. Quer dizer.... »

— Pois o senhor ouviu o Trovador ? O' que felicidade ! Póde-me então cantar aqui toda a opera ; não sabe o desejo que tenho de ouvil'a. —

« Toda a opera, — respondeu o leão aturdido, — é um pouco difficil, nem tenho vozes tão variadas, que possa imitar aquelles barytonos, sopranos, contraltos..... »

— Que ! pois ha bichos que cantam na tal opera ?

« Perdão, minha senhora ; a lembrança de V. Exc. é *espirituosa* ; mas eu explico-me ; cada cantor tem uma força de voz especial, e eu não as possuo.... »

— Pois o Sr. Alacrino não tem voz, perdeu-a na côrte ! Já vejo que esta noite não encontro os meus ideaes.

« Por Deos ! não, minha senhora ; á sua ordem, para agradar-lhe sou capaz de transformar-me em soprano, em contralto, em.... »

— Faça-o ! Faça-o ! como ha de ser bonito ! e o senhor fica tal e qual como esses homens ?

O Sr. Alacrino ia responder da maneira mais adequada á delicada intelligencia da esperançosa roceira, quando foi interrompido nos seus vôos de imaginação, pelo Sr. Manoel João, que lhe bateu no hombro. O bom homem vinha illuminado por algum gaz de uva, e

nessa occasião desenvolvia-se-lhe o enthusiasmo pela arte querida; para elle era então o filho do mestre eschola um achado feliz, embora fosse indescantavel a sua firma.

— Boas noites, Alacrino. Então conversavam a respeito do *Tro-rador*; dizem que é opera mais linda que o Manoel Mendes. Eu tambem no meu tempo ouvi essas peças famosas; e, se quizerem, ainda posso repetir-lhes o lundú do *Monroá*.

A filha interrompeu-o, conhecendo-lhe a força do enthusiasmo, e chamando-o á parte, disse-lhe:

— Peça ao Sr. Alacrino para ir amanhã cantar lá em casa a opera dos contraltos e sopranos; elle diz que se transformará nelles para agradar-me, e eu tenho muita vontade de ver como são essas figuras da opera; parece-me que hão de parecer-se com aquella churinada dos *Mysterios* de Pariz, que hontem acabei de ler, e que me causou cinco desmaios. Ah! que bello ataque de nervos não hei de ter; não é assim, papae? Peça-lhe.

O honrado jurista nada podia negar á filha, quando ella lhe falava com aquella doce voz de falsete. Além disso, o homem já improvisava uma excellente serenata, em que iria limpar as teias de aranha do violão favorito, e acompanhar em tom menor as recordações lyricas do sublime Alacrino. Adiantou-se, pois, para o meio do circulo com a filha, que entortava os olhos á força de os requebrar para o janota, e, agarrando na mão deste, disse-lhe:

— Ora, Sr. Alacrino, amanhã temos lá em casa boa pinga, e uma empada feita pela cozinheira á moda da defunta, já sabe, melhor que as gallinhas d'el-rei, que Deus haja; e desejo que o senhor vá afinar a voz com o acompanhamento do meu violão, em que, já sabe, ninguem me dá quéda.

O janota agradeceu, e sahio triumphante, entre a bateria de olhares chammejantes de todos os pretendentes de D. Solidonia. O paulista, que era do numero, e que ainda vinha expellindo dos dentes com um palito as cartilagens dos camarões, passou a mão pelas suissas, e disse-lhe á sahida, com ar ameaçador:

— Então tomas-me a praça ao som de musica? Amanhã faremos as contas oom os assobios da rapaziada, quando tu cantares alguma moda desengraçada, que já fôr roupa velha da roça, e queiras impingil-a pelo tal *turbador*.

Esta ameaça produziu um effeito electrico na cabeça do Sr. Alacrino. No dia seguinte passou elle a manhã inteira ao espelho, apertando a sobrecasaca até acima, espalhando os cabellos pela testa com ar desvairado, erriçando os pellos á maneira de traga-mouros,

e ensaiando a voz na mistura salina de operas, com que pretendia arrebatat o auditorio familiar, e os espectadores da rua, que não poderiam resistir ás fascinações de suas maneiras trágicas, e das suas ascensões rapidas ás regiões da terceira oitava.

A' noite, quando os grillos sibillavam pelas capoeiras, e os mochos começavam a esvoaçar á roda do campanário, o nosso homem sahiu de casa abotoado em um paletó de Raunier, com aquelle ar marcial que só é dado aos Alacrinos, ou aos Bayardos, e com andar compassado, como aprendêra no Monte-Christo de A. Dumas, foi bater á porta do jurista. Este veio abril-a, vestido com um jaquetão de lã riscada, armado já de violão, sacudindo os raros anneis que a mão do tempo lhe deixara na cabeça, e apertando-o com um braço, disse-lhe á pressa :

— Não sabe como estavamos impacientes. Solidonia olhava para a lua todas as vezes que se ouviam passos, e eu já quebrei cinco primas no violão, só em ensaiar um lundú chorado do meu tempo, para o poder acompanhar com a bizarria de quem deu annos ao officio.

Com effeito, a recepção foi amavel, distincta. Em cima da mesa, penhorada a um devedor indocil a prazos, havia duas lindas garrafas, que promettiam ao velho o paraiso de Mahomet. Acendêra-se no mais polido castiçal de latão da casa uma vella stearina, caso raro nos annaes daquela moradia, e a menina Solidonia vestira um roupão encantador, de chita vermelha com ramos azues, ornado de tres ordens de babados, que a tornavam mais magestosa do que uma boneca da China. Adiantou-se para o preferido pretendente, e disse-lhe, com aquella doce voz que só pertence ás roceiras e aos tenores constipados :

— Ah! quantas vezes olhei para as estrellas, só para ver se alguma dellas me annunciava a sua chegada. Não é assim que nos romances são esperados os trovadores?

« O encanto de seus olhos era capaz de attrahir-me do Japão, que é uma terra, minha senhora, que fica mais longe do que Mato-Grosso. »

— Alto lá, gritou o bom velho, deixem-se de licções de astronomia ; vamos a beber um pouco destas garrafas, que ficaram do baptisado da menina, e depois cante-me lá a tal opera dos sopranos.

— Sim! essa mesma, Sr. Alacrino ; é essa que eu quero.

Abriu-se a garrafa, beberam os dous *dilettanti* alguns copos pequenos á saude do *Trovador*, que devia ser, no juizo do Sr. Manoel João, um capadocio de batuques e fados, e o concerto principiou.

O Sr. Alacrino esteve acima da reputação. No meio da sala, com as melenas soltas ao sopro da viração, com a bocca aberta, como as bicas de esquina, juntando as pernas em contracção nervosa, e apertando o coração, que lhe ameaçava a abotoadura do paletó, arrebatou os corações de todos os ouvintes, e quando acabou a *aria da Cigana* entremeada com uma cavatina de baixo, os applausos da rua atroaram os échos daquella pacifica mausão, acostumados ao canto modesto das cigarras.

— Bravo, minha gente ! — gritou o velho, — outra já ; quero que seja a mais choradinha, e se fôr bonita, se me bulir no coração, conte commigo, sou capaz de descontar-lhe letras a um por cento !

Era esta a maior expressão de enthusiasmo, que o jurista podia achar no vocabulario proprio. O leão sentiu soarem-lhe docemente ao ouvido as doblas velhas do jurista, e lançou mão da peça suprema do seu fogo de artificio ; cantou *Addio Leonora*, com voz tão apaixonada, com gestos tão pronunciados, que a sensivel Solidonia cahiu desmaiada no chão, fazendo rolar da mesa abaixo a garrafa incompleta do vinho do seu baptisado. Houve pressa em levar-a para o seu quarto, e quando a menina veio a si, depois da creada lhe desprender o roupão, e innundal-a do melhor vinagre da venda proxima, o velho trouxe o janota para a sala, bebeu um copo do nectar da segunda garrafa, e plantando o cantor no meio da casa, disse-lhe com a voz protectora de um futuro sogro :

— Agora, que a menina está melhor, e o ouve do quarto, verá como os meus lundús se parecem com essas operas novas ; agora sim, é que os musicos da côrte têm gosto ; não é como no tempo da Pega Ladra, e dessas trapalhadas italianas, que ninguem entendia. Cante bem, que a menina agradando-se da sua voz, não perde o tempo. —

Escusado é dizer, que o Sr. Alacrino apressou-se a aproveitar o ensejo, e em pé no meio da casa, arrebatado pelo enthusiasmo, lá gorgeia o *madre infelice*, ao som do lundú do *Monroá*, que o velho jurista, transportado ao setimo céu pelas doces emanações das garrafas proximas, vai em um extase progressivo soltando lentamente das cordas.

A' janella, o Sr. Domingos, admirado dos progressos do feliz rival, diz para um companheiro de viagem :

« Tomou-me a praça, não ha que duvidar ; e foi ao som de musica ! »

S. Domingos, 27 de Junho de 1862.

REINALDO CARLOS MONTÓRO,

Resposta do Regedor.

(Vide pag. 162.)

Ilustrissimo senhor
João Fernandes d'Anzoes : —
Recebi o seu favor,
estando a fazer uns roes
mail a minha *Leonor*.

Ella é quem m'escreve e lê
toda a minha papelada ;
eu nunca ; e não sei porquê,
que eu dei de cór e salteada
a carreira do A—B—C.

Mas letra por minha mão
dá lugar a que alguém pense
ser eu materialão,
como um pobre amanuense
de qualquer repartição.

Isso nunca ! Assento a giz
certas coisas eá da tenda,
os queijos, paños, pernix ;
ou marco alguma eneommenda,
que ás vezes chega em barris.

Em quanto á regedoria
é tudo lá da patroa —
trabalha de noite e dia ;
e que lettrinha tão boa !
parece *photographia*.

Mas onde vou eu parar
co'as prendas da minha *aquella*,
sem do negocio tratar ? !
E' sempre : em fallando nella,
sou peor que ella a fallar !

Vamos lá ao seu rapaz.
Não é de João Fernandes
a proposta que me faz ;
você tem idéas grandes,
e eu cá não lhe fico atrás.

Quer seu filho deputado ;
e quem é que não quer d'isso ?...
tão amargo é o bocado !
fazer á patria serviço
na poltrona recostado !

Tem razão, meu caro amigo ;
eu tambem quizera ter...
armazens cheios de trigo ;
fôra melhor que viver
eá dentro do meu postigo.

O negocio tem seu osso ;
a coisa não vae assim :
anda por'hi muito moço,
ha tempos, atrás de mim,
e gente que tem caroço !

olhe que n'uma eleição
entendo bem da manobra ;
vejo muito medallião
que, supplicante, se dobra
diante do meu balcão.

Porém, apesar do geito
com que levo a tal campanha,
ás vezes um logar feito
passa a outro que o apanha,
e bumba ! lá fica eleito.

São pedidos a não mais !
pedidos da minha classe,
e d'outras classes que taes ;
e, perto do desenlaee,
as cartas ministeriaes

Se o senhor lesse uma lista
que recebi n'outro dia
d'um machuecho meu bairrista,
de certo que se benzia ;
era coisa nunca vista !

Ainda no mez passado
arranjava-lhe o rapaz ;
tinha um logar despejado,
e vai de repente : zás !
apparece outro afilhado.

E' um doutor franganote,
que perdeu o casamento
com menina de bom dote,
e quer ir ao parlamento
desferrar-se do calote.

Em vagando este logar,
é despacho immediato :
tenho por força de o dar
a um capitão mulato,
que chegou do ultramar.

Assim que vagar segundo,
ha de ir um periodiqueiro
em solecismos fecundo,
por quem pede... o mundo inteiro,
não digo, mas meio mundo,

Irá depois um janota,
que teve muito de seu.
Nesse toda a gente vota,
que elle emfim ensandeceu,
e allega o ser idiota.

Estes candidatos são
para a proxima fornada.
Eu, por temer confusão,
tenho a gente separada
em secções de batalhão.

E além de taes pretendentes
á nobre candidatura,
andam cá os meus parentes
em continua secatura,
porque tem as costas quentes.

Não tem fim esta encommenda
de cadeiras em S. Bento!
Tomára na minha tenda
um freguez por cada cento;
fazia um milhão de renda.

Eu qualquer dia desisto
de tão tremenda massada!
Deram-me o habito de Christo;
mas pela fita encarnada
hei de eu soffrer tudo isto?!
Em resumo: o seu intento
não póde cumprir-se já.
Perdoe se o não contento;
porém, que remedio ha?
deixe vir maré e vento.

Nunca se perde a esperanca,
meu caro senhor Auzeos:
está sempre a haver mudanca;
vem á scena outros heroes,
porque a mesma gente cança.

Neste lindo Portugal
ha milagres com frequencia:
qualquer ente irracional
saborêa uma *excellencia*,
amarrado ao tribunal.

Meu pai, pobre surrador,
póde sonhar por ventura
que um dia haviam de pôr
esta humilde creatura
no cargo de regedor?!
Agora tudo se faz;
que importa saber de castas?
Ha de ver o seu rapaz
ministro com duas pastas,
e dous correios atrás!

Aposto, e verá que acerto.
E adeos; fico ao seu dispor.
Já enfastio, de certo!
Cá me grita a *Leonor*
que já tem o pulso aberto.

Peço-lhe o maior segredo
d'essas coisas que ali vão.
Até um dia bem cedo.
Sou, de todo o coração,
— seu amigo — Zé Penedo.

ANTONIO SIMÕES DE CABEDO.

Lembranças que parecem esquecimentos.

Nunca vi boa reputação, que não perca, nem má reputação, que não lucre, com ser vista de perto.

A liberdade tem a Nação por mãe, o Governo por padrasto;
faltando a dedicação da mãe, prevalece a malquerença do padrasto.

Os povos indolentes são como os tísicos: sahem da febre das
revoluções para cahirem no marasmo do despotismo.

O homem nullo tem uma grande vantagem, a de não offender o
amor proprio dos outros; e estes retribuem-lhe generosamente o
serviço com a denominação de — *bom moço*. D.

CHRONICA.

Rio de Janeiro, 30 de Novembro.

O academico Viennet, voltando depois de algum tempo ao campo da publicidade, escreveu estas palavras no prefacio do seu livro: « *Me voilà cependant, me voilà encore!* » Guardando todas as proporções, e sem pretender o contentamento e a sensação que o livro do autor da *Ligue* devia naturalmente produzir, escrevo aquillo mesmo, e accrescento: — *Me voilà pour toujours!*

Para sempre. Neste aposento construido no fundo do edificio que o leitor acabou de percorrer installo-me eu, e aqui praticarei mansamente com o leitor sobre todas as cousas que nos fornccer a quinzena, sem fadiga para mim, nem magoa para ninguem. Durarão as nossas palestras o intervallo de um charuto, mais infelizes nisto que as rosas de Malherbe. Olhe o leitor: á roda da mesa estão jornaes de todo o império; sentemo-nos como bons e pacificos amigos, e comecemos por encarar affoutamente aquelles estouvados peruanos.

O leitor sabe já de todas as occurrencias de que foi testemunha o velho Amazonas; sabe que alli troou o canhão e que fomos ludibriados no começo, no meio e no fim. O attentado não se podia revestir de circumstancias mais aggravantes, nem a arrogancia peruana podia manifestar-se em mais larga proporção, e sob melhor luz. Arrogancia, disse eu, e não se pense que foi por me não occorrer outro termo; arrogancia ingenita, filha deste preconceito, que naturalmente os Peruanos hão de ter, de que são realmente filhos do Cid e do sol.

Seja como seja, o facto é que a dignidade da nação brasileira foi vilipendiada e que só uma energica intimação poderá ter lugar depois daquellas occurrencias; o paiz espca ser bem defendido pelo governo nesta deploravel questão.

No meio de todas as preocupações, esta me parece a principal, a que deve occupar mais lugar e tempo nas lucubrações intimas do gabinete. Creio que o sentimento do governo é o mesmo; certos actos demonstram que elle não quer protellar a questão, e sem duvida as ordens levadas pca expedição do Pará hão de ser no sentido de nos desaggravar honrosamente.

O que eu não posso é saber já o que se tem passado e serei desculpado por não dar mais noticia, sobre o facto dos navios peruanos e da esquadilha brasileira. Mas, a não dizer mais alguma cousa sobre a questão, como encher o espaço que me resta? Ir ao Castello assistir á exhumação dos ossos de Estacio de Sá? Melhor sorte me dê Deos! Dispenso o leitor dessa viagem e com isso me dispenso a mim mesmo. Direi, já que fallo nos ossos do fundador da cidade, que quaesquer que fossem os inconvenientes do modo por que se procedeu á exhumação, e os houve, ainda assim aquella empresa revela que, entre nós, já se quer cuidar de certas cousas que até hoje pareciam não merecer seria attenção. Ainda bem. Segundo se acha annuciado effectua-se no dia 1.º o acto de inhumação dos restos de Estacio de Sá, convenientemente arranjados, e entregues aos cuidados de pessoas vigilantes.

Para alguns é duvidosa a authenticidade dos ossos achados na sepultura do Castello ; devo dizer que esta duvida só a ouvi articular a pessoas que duvidam de tudo, pela razão de terem sido enganados muitas vezes, o que é um procedimento asisado. Eu não sei se a duvida tem lugar, mas louvo-me na opinião geral e na dos professores que dirigiram a exhumação, para a qual não faltaram, segundo nos disse a imprensa, todas as intrucções archeologicas.

Lembra-me agora que Mery estando em Roma, encontrára um dia alguns sujeitos a cavar em certo lugar, animados por dous lords que de quando em quando atiravam uma moeda aos trabalhadores. Mery, apaixonado pelas ruinas, parou e assistio á inhumação do quer que fosse. Finalmente appareceram uns fragmentos de estatua, a cujo aspecto um olhar experimentado não daria menos de mil annos.

Grande contentamento dos inglezes, que fizeram conduzir até o carro as preciosidades encontradas no sólo romano. Mery pediu humildemente para ajudar a carregar parte daquelles preciosos achados, e com toda a veneração foi depositar a sua carga no carro dos patricios de lord Palmerston.

Comprehendo a satisfação que deve ter um homem apaixonado pela antiguidade, ao ver diante de si os restos de uma obra que suppõe haver encantado os olhos de todo o patriciado romano. E comprehendo tambem o desgosto que havia de ter o auctor da *Florida* quando á noite em uma reunião de pessoas distinctas depois de haver contado o facto da manhã, soube que os restos achados eram obra da vespera, preparados de modo a parecer que datavam de longe, accrescentando o carrasco das suas illusões, que o museo de Londres está cheio destas que taes antiguidades, cousa que eu creio um pouco dura.

Não presuma o leitor malicioso que eu trouxe este conto para diminuir a idade aos ossos encontrados na sepultura de Estacio de Sá. Creio que são authenticos, e na verdade é isso que devemos crer todos, por que não poderemos crer outra cousa. Compensa isso a fadiga dos que lá foram ao Castello assistir ao acto. Eu não fui e creio que fiz mal. De mais, se é verdade, como eu creio, que além desta vida ha uma vida melhor, e que portanto Estacio de Sá nos está olhando talvez por um destes oculos do Céu, que nós chamamos estrellas, e Dumas faiscas dos pés do Omnipotente; se é, verdade isto, sejam ou não aquelles os ossos authenticos, uma vez que a intenção é boa, Estacio ficará agradecido e acceitará lá de cima a fé, a intenção, se não puder acceitar os ossos.

Estas reflexões sobre ossos e ruinas levam-me naturalmente ao theatro, que está ameaçado de passar ao estado de monumento curioso, a despeito dos esforços individuaes. Mas parece que a força da corrente é superior a todos os esforços, e que não ha regimen preventivo contra o effeito dos elementos delecterios. Eu não acho culpa do que succede senão nos poderes do Estado, que ainda se não convenceram de que a materia de theatros merece uns minutos ao menos da sua attenção, como tem merecido nos paizes adiantados. Quando eu vejo que em França, em Março de 48, um mez depois da revolução, decretava-se sobre theatro, no meio das preocupações politicas, lastimo devéras que no Brasil o poder executivo tenha limitado a sua acção a dar e a retirar subvenções, e a incommodar uma commissão, de cujas opiniões escriptas fez depois pasto ás traças da secretaria.

Voltarei a esta materia mais tarde, ou talvez faça della objecto de estudo especial ; por agora cumpre-me mencionar as novidades annunciadas, e que sem duvida serão novidades realisadas no momento em que o leitor me ler.

O Atheneu annuncia uma comedia de Emile Augier e Ed. Foussier, *As Leoaes Pobres*. Esta comedia deve a sua celebridade em Paris a duas cousas : ao seu merito intrinseco, que é de primeira ordem, e ás discussões havidas por occasião de ser apresentada á

commissão de censura. Parece que a comissão sahiu um pouco fóra dos seus deveres, deixando de fazer censura dramatica para fazer censura litteraria ; e a não ser o imprador, ainda hoje a comedia estaria interdita.

Annuncia tambem a Sociedade Dramatica uma representação da *Herança do Chanceler*, no theatro lyrico.

Em cata de noticias procuro lembrar-me se durante os ultimos quinze dias houve alguma publicação litteraria, ou mesmo illitteraria, de que dar parte. Em outra parte não haveria necessidade de procurar ; com certeza o revisteiro encontraria, ao começar o seu trabalho, a mesa cheia de publicações. Tudo porém é relativo, e o movimento das publicações entre nós ainda é, como outras cousas, lento e raro.

Vejo agora um exemplar de um novo romance do *Muséo Litterario*, intitulado *A Lamparina*. É a segunda obra que o *Muséo* publica, e ainda do mesmo autor. Para os que leram a *Lenda do Alfinete* esta é a melhor recommendação que se lhe possa dar.

Eu só desejo que publicações como o *Muséo Litterario* e a *Bibliotheca Brasileira* sejam comprehendidas e festejadas pelo publico, doce remuneração aos esforços conscienciosos.

Se fosse possível a comunicação de todos os factos da vida particular entre o chronista e os seus leitores, eu daria aqui as razões do desconchavo em que vae esta revista, escripta a todo o vapor, para satisfazer as exigencias da typographia. Mas, como não é possível, limito-me a lamentar que assim seja, e a despedir-me para a quinzena seguinte.

MACHADO DE ASSIS.



O FUTURO.

PERIODICO LITERARIO.

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES.

Collaborado por varios escriptores brasileiros e portuguezes.

Publica-se nos dias 1 e 15 de cada mez.

Em todos os numeros (ou pelo menos em um de cada mez) se dará uma gravura.
Afinça-se a publicação por um anno, e não se recebem assignaturas por menor prazo.

Condições da Assignatura.

Para a Côrte 15\$000 — Para fóra da Côrte e provincias — 17\$000.

Assigna-se no escriptorio da redacção

RUA DO OUVIDOR N. 46. 1.º ANDAR,

onde devem ser dirigidas todas as reclamações e toda a correspondencia relativa ao periodico.

São correspondentes

Os Snrs.
Catilina & C.^a
Cunha Irmãos & C.^a
Luiz Augusto de Oliveira
Joaquim Baptista Moreira.
Silva & Costa . . .
Francisco Luiz Ribeiro. . .
Joaquim Alves Leite . . .
J. J. de S. Ayrám Martins . . .
Felisardo Toscano do Brito
José Gonçalves Guinárães
A. L. Garraux . . .
Henrique Xavier de Novaes

Bahia.
Pernambuco.
Maranhão.
Pará.
Rio Grande do Sul.
Pelotas.
Porto-Alegre.
Santos.
Parahyba do Norte.
Maceió.
S. Paulo.
Vassouras.